

## Reconfiguração semântico-construcional do verbo *entregar* em usos do português: o caso dos papéis semânticos do sujeito

*Semantic-constructural reconfiguration of the verb entregar in uses of portuguese: the case of the semantic roles of the subject*

Rayane Pontes Barbalho <sup>1\*</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Nedja Lima de Lucena<sup>2\*</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

**Resumo:** Este artigo expõe os resultados da análise dos papéis temáticos da relação gramatical *sujeito* em casos de variação com o verbo *entregar* no português brasileiro, no qual o verbo extrapola a atual descrição como transitivo ou ditransitivo, aparecendo em um padrão intransitivo ao lado de um intensificador, tal qual em: “*o iluminador [...] vai entregar bastante na minha maquiagem*” (Youtube, 2025). Nessas ocorrências, o significado usual de transferência do verbo é desbotado e se vincula um sentido de qualidade ou capacidade performática do referente na posição de sujeito. Para o exame do fenômeno, o estudo tem como base teórico-metodológica a Linguística Funcional Centrada no Uso e se caracteriza como uma pesquisa sincrônica de natureza quali-quantitativa (Lacerda, 2016; Paiva, 2019). Os dados desta análise compreendem um conjunto de 200 amostras orais retiradas de vídeos do Youtube. A análise revelou que o verbo *entregar* se associa a elementos inanimados na posição de sujeito em papéis temáticos normalmente humanos, conforme Van Valin e LaPolla (1997), Givón (2001), Perini (2016) e Chafe (1979). Esse resultado parece apontar para um cline de mudança ligado à abstratificação e à objetificação do elemento em função de sujeito, conforme Heine (2002). Argumentamos que o uso de expedientes não típicos na posição de sujeito tem impactos na versatilidade sintático-semântica de orações com esse verbo e, provavelmente, na reconfiguração da rede construcional.

**Palavras-chave:** Linguística Funcional Centrada no Uso. Variação e mudança construcional. Papéis temáticos. Verbo *entregar*.

**Abstract:** This article presents the results of an analysis of the thematic roles associated with the grammatical subject in cases of variation involving the verb *entregar* in Brazilian Portuguese, in which the verb extrapolates the current description as transitive or ditransitive, appearing in an intransitive pattern next to an intensifier, as in: “*o iluminador [...] vai entregar bastante na minha maquiagem*” (Youtube, 2025). In these occurrences, the usual meaning of verb transference is faded and a sense of quality or performative capacity of the referent is linked to the position of subject. To examine the phenomenon, the study is based on Usage-Based Functional Linguistics and is characterized as a synchronic research of a qualitative-quantitative nature (Lacerda, 2016; Paiva, 2019). The data from this analysis comprises a set of 200 oral samples taken from Youtube videos. The analysis revealed that the verb *entregar* is associated with inanimate elements in the position of subject in

<sup>1\*</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem (PPgEL/ UFRN). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Natal, RN –Brasil. [rayane.pontes.123@ufrn.edu.br](mailto:rayane.pontes.123@ufrn.edu.br)

<sup>2\*</sup> Doutora em Estudos da Linguagem (UFRN). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN –Brasil. [nedja.lucena@ufrn.br](mailto:nedja.lucena@ufrn.br)

normally human thematic roles, according to Van Valin and LaPolla (1997), Givón (2001), Perini (2016) and Chafe (1979). This result seems to point to a cline of change linked to the abstraction and objectification of the element as a function of subject, according to Heine (2002). We argue that the use of non-typical expedients in the subject position has impacts on the syntactic-semantic versatility of clauses with this verb and probably on the constructional network.

**Keywords:** Usage-Based Functional Linguistics. Constructional variation and change. Thematic role. Verb *entregar*.

## 1 INTRODUÇÃO

No âmbito da diversidade de investigações das estruturas oracionais, figura como um dos principais conceitos a noção de sujeito, o qual, no seio da classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), é destacado como um termo essencial da oração e definido ainda pela íntima relação de concordância sintática ou semântica com o verbo, de acordo com critérios de Perini (2005). No contexto dos Modelos Baseados no Uso (*Usage-Based Linguistics*) entende-se que a relação entre sujeito e verbo é atravessada tanto por aspectos semântico-estruturais da oração (Chafe, 1979) quanto pelas restrições das Construções de Estrutura Argumental (CEA) que sancionam as orações de uma língua, discutidas em Goldberg (1995); Croft, (2001) e Traugott e Trousdale (2013). Pensando nesse vínculo, surge como ponto de interesse as respectivas influências e desdobramentos do elemento sujeito em casos de intransitivização com o verbo *entregar*.

Tradicionalmente, de acordo com Rocha Lima (1972, p. 308), o verbo *entregar* é descrito como ditransitivo, ou seja, um item verbal que recruta um complemento objeto direto, com a possibilidade de perfilar ainda um complemento ligado por preposição, do tipo objeto indireto, ente para a qual se destina a ação. No campo da descrição linguística de vertente construcional, entende-se que esse verbo é sancionado pela Construção Ditransitiva, pois sua semântica se conforma à semântica dessa construção, como exemplifica Furtado da Cunha (2017, p. 118), uma vez que os três argumentos perfilados pelo predicador se associam aos papéis participantes da argumentais dessa construção (sujeito/agente, objeto direto/paciente, objeto indireto/recipiente). Nessa perspectiva, o elemento predicador sinaliza uma transferência de algo, geralmente realizada por um ser animado e intencional, para um receptor/destinatário, denotando a ideia de “passar às mãos ou à posse de alguém”, sentido registrado desde o latim (Cunha; Mello Sobrinho, 1986) e presente no português desde então, conforme registrado em Borba (2002).

Em usos atuais, observa-se que, além da omissão do objeto direto, ocorre em diversos casos a elisão do complemento indireto, ambos previstos na estrutura ditransitiva. Assim, nos casos observados, o verbo *entregar* se junta a um elemento intensificador do tipo adverbial, passando a expressar um sentido que se afasta do significado mais básico e referencial de transferência, bem como se aparta de sentidos documentados na literatura linguística, a exemplo de Borba (2002). Nesse viés, instâncias de uso em que ocorre a combinação de verbo e intensificador e elisão dos objetos se aproximam de um sentido avaliativo de boa ou má qualidade, como se pode ver em:

**Figura 1:** Captura de tela de vídeo da plataforma YouTube.



Fonte: Youtube (2024). Acervo da pesquisa.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IW5s3cyjwFQ>

Na figura 1, o verbo *entregar* ocorre em uma oração que se distancia de sua feição triargumental típica. Isso porque há completa elisão dos argumentos previstos em sua moldura sintático-semântica de transferência (o que se entrega e para quem se entrega), de modo que esse apagamento ocorre sem possibilidade de recuperação de referentes, seja cotextual ou contextualmente. Trata-se, portanto, do verbo sendo recrutado em uma configuração intransitiva (cf. seção 4).

Por outro lado, a oração conserva o argumento na posição de sujeito, contudo, semanticamente, este não apresenta os traços que normalmente estão atrelados ao participante previsto na moldura trivalente prevista como típica para esse verbo. Isso porque o verbo *entregar*, tradicionalmente, pressupõe uma ação realizada com certa intenção ou controle (alguém que entrega), e na amostra apresentada esses perfumes se distanciam desse perfil semântico, pois não iniciam uma transferência propriamente dita, dado o seu caráter inanimado e não volitivo. Além disso, há presença do intensificador *muito*, que reforça a noção de entrega, porém sem sinal do que se é entregue e sem um recipiente claro.

A amostra demarca uma relação abstrata e figurada em que os “esses perfumes” apresentam boas qualidades enquanto bens a serem consumidos. Casos como esse têm se tornado comuns, sobretudo, na mídia, e ilustram, para além da mudança na configuração sintático-semântica da oração, que o sentido do verbo *entregar* e do elemento sujeito ligado a ele parece se afastar gradativamente de instâncias mais típicas previstas para o verbo e para as construções de estrutura argumental que o sancionam. Para Goldberg (1995) e Furtado da Cunha (2017), verbos com semântica de transferência se conformam mais diretamente ao sentido da construção ditransitiva ou transitiva, as quais evocam essencialmente a noção de transferência em sua moldura.

Desse modo, recorrendo aos pressupostos e categorias da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), este trabalho se debruça sobre os aspectos semânticos do sujeito em construtos empíricos com o verbo *entregar*, a partir da caracterização dos papéis temáticos (Van Valin; LaPolla, 1997; Chafe, 1979; Givón, 2001; Perini, 2016), investigando os impactos da natureza sintático-semântica do sujeito nos casos de variação da estrutura argumental do verbo *entregar* no

português brasileiro sincrônico. Argumentamos, a princípio, que a disposição de itens não típicos e esperados na posição de sujeito parece sinalizar e corroborar a hipótese de emergência de um novo pareamento de forma e função associado às orações com o predicador, a partir de um processo de desbotamento do significado mais concreto de transferência efetuada por um agente, rumo a uma acepção mais abstrata de avaliação da qualidade de entidades mais ou menos animadas (cf. seção 4). No rumo dessa investigação, concentramo-nos, neste trabalho, na manifestação do sujeito, embora o estudo desse novo pareamento esteja em curso em outras frentes de pesquisa.

Quanto à organização, após esta introdução, apresentamos o caminho metodológico percorrido e, posteriormente, o quadro teórico que fundamenta as escolhas teórico-metodológicas do estudo. Por conseguinte, argumentamos sobre a hipótese central da pesquisa e, na sequência, procedemos com a análise dos dados, enfatizando os aspectos formais, os aspectos semânticos, a proposta de continuum dos papéis temáticos e apontando à emergência de uma configuração construcional. Sumarizamos os achados e desdobramentos do estudo nas considerações finais.

## 2 CERNE METODOLÓGICO

No que tange à natureza da pesquisa, a investigação, de caráter teórico-descritivo, adota uma abordagem quali-quantitativa, ou mista, detalhada por Lacerda (2016) e Paiva (2019), unindo análise qualitativa, classificação e interpretação de informações de caráter empírico, à quantitativa, ligada ao método estatístico (Gil, 2008), a partir da introdução de comparações e exames numéricos e percentuais. Também circunscrevemos os dados em um recorte sincrônico, de modo que as instâncias de uso da oralidade que constituem o conjunto de amostras analisadas são retiradas de vídeos da plataforma *YouTube*. A dimensão da parcela de *tokens* examinados corresponde a 16.063 palavras e 73.668 caracteres, recolhidos entre 2018 e 2025; com 25 excertos por ano, totalizando 200 excertos.

Sobre a instrumentalização da pesquisa, a coleta de dados orais foi realizada com o auxílio da ferramenta de busca online *Filmot*, que filtra o conteúdo dos vídeos do *YouTube* com base nas legendas. Na coleta, inserimos como descritores e *strings* de busca, variadas formas do verbo acompanhadas dos intensificadores e quantificadores típicos: *muito(s)*, *bastante*, *demais*, *tanto(s)*, *mais*, *menos*, *pouco(s)*, segundo Guimarães (2007). Também encontramos casos de elementos tipicamente não intensificadores se comportando como intensivos, caso do termo *horrores*. A partir dessa busca, foram extraídas amostras de manifestação do verbo acompanhado ou não por argumentos, a fim de que fosse observada sua potencial gradiência em termos de um *continuum* de mudança. Hipóteses iniciais sobre o comportamento desse verbo em termos gradientes já tinham sido previamente testadas em estudo pancrônico de Lucena e Barbalho (2025) e, por isso, nesta fase, o recorte metodológico privilegiou desdobramentos desses aspectos.

A respeito dos procedimentos, a metodologia adotada foi a *bottom-up* (Perek, 2015) que parte das instâncias de uso para chegar a padrões mais esquemáticos e construcionais.

Assim, o caminho metodológico percorrido consistiu em: feita a captação das instâncias de uso, foi realizada ainda a descrição e apuração dos traços formais dos predicados, ao lado do exame das implicações semânticas e discursivas dos enunciados. A partir dessa tabulação, o material estatístico foi levantado, visando chegar a uma síntese numérica e avaliativa dos planos estrutural e discursivo-pragmático das amostras.

### 3 QUADRO TEÓRICO

Como conjuntura teórica da qual retiramos os princípios, categorias de análise, teses e orientações metodológicas destacamos a Linguística Funcional Centrada no Uso, perspectiva de investigação que une os paradigmas da Linguística Cognitiva e do Funcionalismo Clássico, como destacado em Rosário (2022), reconhecendo o modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso, conforme explicado em Pinheiro (2016), como caminho para a descrição linguística. Através dessa síntese, a LCFU circunscreve a língua como: “um sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em permanente emergência, à mercê de necessidades cognitivas e/ou intercomunicativas” (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013, p. 8-9). Nesses termos, a corrente teórica tem como foco de interesse as relações entre forma e função no discurso dos falantes, sendo elas atravessadas por mecanismos cognitivos de domínio geral apontados em Bybee (2016).

Na interface com a Linguística Cognitiva, podemos adotar construtos como a Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (2004). Nesse quadro, a metáfora é entendida como um processo mental em que um domínio cognitivo mais abstrato é conceptualizado a partir de um domínio concreto. Essa teoria também destaca que a cognição está correlacionada a noções físicas e socioculturais, de maneira que as metáforas têm uma base físico-social. Considerando as implicações dessa teoria, são vários os estudos que consideram o papel das metáforas conceptuais na organização cognitiva.

Silva (2008), por exemplo, investiga o fenômeno do grau e indica que essa é uma categoria que ultrapassa o nível morfológico e se estabelece como uma categoria cognitiva, ligada a processos de projeção metafórica. Já em Silva (2014), o linguista conceitua seis macrocategorias do grau: *dimensiva*, *quantitativa* – ligadas a domínios concretos da experiência –, *intensiva*, *hierárquica*, *avaliativa* e *afetiva*, relacionadas a processos de abstração e metaforização.

Nessa direção, o presente estudo se alinha à perspectiva construcional de Goldberg (1995), Croft (2022; 2001), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Rosário e Lopes (2019; 2023a; 2023b). De acordo com esses autores, a construção é entendida como a unidade básica de uma língua, a qual abarca todo o conhecimento linguístico da experiência que o falante tem com ela. Em linhas gerais, o conceito de construção pode ser compreendido como um pareamento entre forma e significado/função, constituindo, assim, um par simbólico, que se organiza em uma rede hierárquica relacionada com outras construções. Essa rede comporta construções de diferentes dimensões, desde o nível do morfema a padrões oracionais, como esquematiza o quadro abaixo:

**Figura 2:** tipos de construções

TIPO DE CONSTRUÇÃO	EXEMPLO
Palavra	Árvore
Expressão fixa	bom dia; cada macaco no seu galho
Esquema morfológico	re + base verbal (ex: <i>rearrumar, refazer</i> )
Esquema sintático semipreenchido	que mané X; que X o quê (ex: <i>que mané férias; que férias o quê</i> )
Esquema sintático aberto	SVO (ex: <i>Réver cabeceou a bola</i> )
Padrão entoacional	Ascendente

Figura 2: *continuum* de construções gramaticais

Fonte: Pinheiro (2016, p. 4)

Inserida na perspectiva construcional acima destacada, a relação entre verbo e argumentos, ou complementos, é estudada no cenário da LFCU a partir das construções de estrutura argumental. No Funcionalismo Clássico, Chafe (1979, p. 97) aponta que “a natureza do verbo determina como deverá ser o restante da oração”, de forma que a quantidade, o caráter e a relação desses nomes são definidos pelo predicador no contexto de uma oração. No quadro construcional, por outro lado, Goldberg (1995) defende que esse vínculo é subordinado às construções de estrutura argumental, isto é, construções de esquemas sintático-semânticos que codificam eventos básicos da experiência humana, como movimento, afetamento, transferência, posse etc. Dessa maneira, a partir dos seus significados próprios e independentes dos itens que as preenchem, as construções de estrutura argumental recrutam verbos que se conformam ao seu significado e restrições formais.

Algumas construções de estrutura argumental que licenciam o verbo *entregar*, de acordo com Furtado da Cunha (2017) e Lucena e Barbalho (2025) são: ditransitiva (CD), transitiva (CT) e de movimento causado (CMC). Consoante Goldberg (1995), a CD, cujo esquema é X CAUSA Y A RECEBER Z, em seu sentido mais central perfila a cena de transferência de um objeto realizada por uma entidade com característica de mais agente a um destinatário ou recipiente. Já a CT (X AFETA Y) marca uma causação que gera mudança de estado ou condição de um paciente em virtude da ação do agente. Enquanto a CMC (X CAUSA Y MOVER-SE PARA Z) conceptualiza eventos em que um agente provoca o deslocamento físico de um paciente em direção a um alvo. Assim, destaca-se que tanto os padrões estruturais quanto o papel de agente, comum as três construções de estrutura argumental aqui mencionadas, possibilitam que o verbo *entregar* seja sancionado por essas construções.

Nesta pesquisa, analisamos as características do elemento sujeito, definido conforme critério de concordância com o verbo (Perini, 2005, p.73-74) e suas características semântico-discursivas a partir do enfoque dos papéis temáticos. Em nível oracional, consoante a perspectiva de Chafe (1979), um verbo estabelece uma relação de sentido com seus argumentos, atribuindo uma função semântica ou papel, dentro da

sentença, a esses complementos de acordo com o evento codificado. Desse modo, um mesmo verbo pode atribuir diferentes papéis temáticos para um mesmo argumento, em interpretações distintas e relações de uso variadas. Considerando isso, alguns autores inseridos em um quadro teórico de base funcionalista priorizam a investigação dos participantes temáticos em termos de *continuum*, como Van Valin e LaPolla (1997), que sugerem eleger *agente* e *paciente* como pontos de ancoragem para o estabelecimento das relações temáticas; enquanto os demais grupos de papéis são classificados em termos de semelhança entre os indicados acima. Devido ao amplo leque de papéis listados na literatura linguística, adotamos, na nossa análise, as classificações e concepções teóricas de Van Valin e LaPolla (1997), Givón (2001), Perini (2016) e Chafe (1979).

Um esclarecimento importante em termos teóricos é a diferenciação entre papéis temáticos do verbo e papéis participantes da construção. Estes últimos pertencem ao esquema construcional, organizando as relações entre funções sintático-semânticas a partir da determinação do tipo de elemento que pode ser recrutado a preencher os *slots* construcionais. Um exemplo deste último caso é a construção ditransitiva inglesa, como descrita por Goldberg (1995), que possui como participantes o esquema *agente/ doador – tema – recipiente* (X causa Y receber Z), que recruta verbos que não têm, lexicalmente, “dar” como sentido convergente ao da construção, de modo que esta pode impor uma interpretação específica aos argumentos oracionais: no clássico exemplo *She sneezed him the napkin* (por tradução: *ela espirrou o guardanapo nele*) – compreende-se que *sneeze* (*espirrar*), não tem papel de “causar transferência”, mas a construção ditransitiva viabiliza esse sentido. A motivação para tal é baseada no uso, na frequência e na função comunicativa. Assim, o verbo “herda” papéis da construção, podendo criar coerções, expansões ou extensões de sentido.

Em síntese, a distinção entre papéis semânticos verbais e papéis argumentais das construções é fundamental para uma compreensão precisa do pareamento forma-sentido em múltiplos níveis de abstração. Sob a ótica do funcionalismo (Fillmore, 1968; Chafe, 1979; Givón, 1990; Van Valin; LaPolla, 1997), os papéis semânticos verbais referem-se às funções conceituais inerentes ao evento lexicalizado pelo verbo, como agente, experienciador, tema ou meta, derivadas da estrutura cognitiva subjacente à situação perfilada pelo predicador. Por outro lado, em perspectiva construcional (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Hilpert, 2014), as construções de estrutura argumental são unidades simbólicas dotadas de significado próprio, as quais atribuem papéis argumentais, frequentemente autônomos ou apenas parcialmente correlacionados à semântica lexical do verbo.

#### 4 HIPÓTESE DO ESTUDO

A atual descrição do verbo *entregar* indica uma valência sintática triargumental: “[+/- Compl1: nome +/- Compl 2: a/para +nome humano ou abstrato]” (Borba, 2002, p. 580), quando se trata do sentido de transferência; e biargumental nos casos reflexivos com sentido de dar-se, dedicar-se e render-se. Tais acepções viabilizam que a estrutura argumental típica do verbo (S V OD OI e S V OD nos casos reflexivos) seja recrutada

como instâncias das construções de estrutura argumental com três *slots* (CD e CMC) e com dois *slots* (CT), via relação de instanciação (Goldberg, 1995) possibilitada pelo condicionamento recíproco entre a semântica da construção e do verbo (Silva, 2003, p. 388). Além disso, tanto o significado mais básico do verbo, quanto o *slot* de participante sujeito das construções de estrutura argumental mencionadas, preveem prediletamente um elemento com função semântica agentiva em uma ação ou ação-processo (Borba, 2002).

Nos casos de orações intransitivas, como os do ilustrado na figura 1, o verbo passaria a associar-se e conformar-se a uma Construção Intransitiva (CI). Segundo Croft (2022), a CI é uma construção monovalente que apresenta um único *slot* de participante central e saliente ao evento, do tipo sujeito; a construção de estrutura argumental intransitiva também se caracteriza por conceptualizar eventos controlados do tipo andar (em *João anda*) e não controlados como morrer (por exemplo, *João morreu*). Esse amplo leque de possibilidades de eventos perfilados pela CI viabiliza que o único *slot* da construção possa ser preenchido por múltiplos papéis temáticos: “o único papel participante central em construções de estrutura argumental intransitiva na verdade envolve uma ampla gama de papéis semânticos que são encontrados em diferentes tipos de evento monovalente” (Croft, 2022, p. 423, tradução nossa). Assim, diferentemente da CD, CT e CMC que recrutam para o *slot* do participante, em geral, um sujeito agente mais volitivo e controlado, a CI prevê uma ampliação dos papéis temáticos, incluindo, sem grandes restrições, entidades não agentivas e inanimadas.

Pensando nas instâncias intransitivas com o verbo *entregar*, não figura nos sentidos típicos do verbo acepções que destaquem frames de caráter monovalente, o que permitiria de forma mais direta que o predicador fosse licenciado pela CI. Nesse sentido, o que pode ocorrer nesses casos é um processo de *mismatch*, no qual a construção de estrutura argumental intransitiva parece sancionar o verbo e conformá-lo a um sentido que conceptualize uma cena monovalente, típica da construção, na medida em que esta é fonte do sentido. Dessa maneira, pensando na variação do verbo *entregar* em *tokens* monoargumentais, buscamos observar se o pressuposto de uma variação do significado, que levaria ao licenciamento efetivo pela CI, ocorre efetivamente. Para tanto, observamos se há uma mudança ou ampliação factual dos papéis temáticos do sujeito ligados a orações com essa unidade verbal.

Baseando-nos em Heine (2002), que destaca que um dos tipos mais comuns de mudança de significado nas línguas envolve a atribuição de animacidade a elementos inanimados, levantamos a hipótese de que o desbotamento do significado do verbo no uso parte do sentido concreto rumo a um sentido avaliativo e ocasiona, concomitantemente, o sancionamento desse predicador pela CI, uma vez que construção e verbo são fusionados por elo de correspondência, via significado lexical do predicador e significado da construção. Sendo assim, essa hipótese poderia ser corroborada e visualizada a partir da ampliação dos papéis temáticos atribuídos ao sujeito em orações com o verbo *entregar*. Para comprovar nossa hipótese, realizamos a análise sintático-semântica do sujeito nas amostras de investigação corpus, compreendendo que o uso é motivador dessa manifestação.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1 DESCRIÇÃO DE ASPECTOS FORMAIS

Em relação aos aspectos formais do argumento que se interliga ao verbo com a função de sujeito, em termos sintático-semânticos, observamos que, em sua maioria, os *tokens* apresentaram o sujeito explícito formalmente, isto é, marcado morfossintaticamente nas orações quanto à expressão lexical. Em termos numéricos, 76% das orações apresentaram sujeito exposto lexicalmente. Em menor número, correspondendo a 21% das ocorrências, identificamos um sujeito zero recuperável, ou seja, usos em que os referentes não são expressos lexicalmente, mas podem ser recuperados anaforicamente no discurso, ou via contexto extralinguístico. Abaixo segue uma tabela ilustrativa dos percentuais por ano:

**Tabela 1:** Configuração morfossintática do sujeito

Codificação sintática do sujeito	Explícito	Zero recuperável	Indeterminado	Total
2018	21 (84%)	4 (16%)	0 (0%)	25 (100%)
2019	22 (88%)	3 (12%)	0 (0%)	25 (100%)
2020	18 (64%)	7 (28%)	0 (0%)	25 (100%)
2021	16 (64%)	8 (32%)	1(4%)	25 (100%)
2022	18 (72%)	7 (28%)	0 (0%)	25 (100%)
2023	21 (84%)	3 (12%)	1 (4%)	25 (100%)
2024	18 (72%)	7 (28%)	0 (0%)	25 (100%)
2025	18 (72%)	4 (16%)	3 (12%)	25 (100%)
Total	152 (76%)	42 (21%)	5 (3%)	200 (100%)

Fonte: autoria própria.

Na tabela 1, figura também algumas poucas ocorrências de sujeito indeterminado, correspondente a 3% dos casos, com apenas 5 *tokens*. Embora a noção de sujeito indeterminado seja de ordem semântica, conforme destaca Costa (2000) – podendo ser definido como o resultado de um processo de indeterminação do referente que aponta ao papel temático do sujeito, como explicado por Perini (2016, p. 112) – a identificação dessa classe está ligada ao plano estrutural, sendo considerados indeterminados os sujeitos de

orações com verbos: i) intransitivos ou transitivos indiretos, na terceira pessoa do singular, conectados ao pronome *se* e sem sujeito expresso; e ii) flexionados em terceira pessoa do plural, sem sujeito expresso (Costa, 2000). Com base nisso, consideramos e selecionamos essa categoria na codificação dos tipos de sujeito para dados como:

- (1) *Acho que o pior é que é isso né... que a gente fala assim... não mas é porque também **Ø não entregaram tanto para ela trabalhar** e tal... mas cara... a Isabela Rosseline também **Ø não entregaram tanto** e ela entregou dema:::is* (Youtube, 2025)

Em (1), as orações destacadas apresentam sujeitos que podem ser considerados indeterminados. O contexto do enunciado diz respeito ao comentário de apresentadores acerca da representação de uma atriz em um filme, a ideia é que a artista não atuou de forma satisfatória, de modo que o falante justifica esse cenário pela pouca ou má disponibilização de recursos para a intérprete. Na segunda oração, o próprio falante rebate seu argumento apontando outra celebridade que também vive a mesma situação, mas que realiza uma boa apresentação apesar do revés. Ambos os predicados não possuem qualquer item explícito que faça referência aos desempenhadores da distribuição às artistas, e os verbos são flexionados na terceira pessoa do plural, constituindo um quadro estrutural de indeterminação do sujeito. Assim, mesmo com a identificação de que há responsáveis pela pouca disponibilização de recursos para as atrizes, podendo inferir-se a própria equipe produtora do filme, o que ocorre é uma indeterminação, ou esquematização, nos termos de Perini (2016), do referente exato para o realizador da ação.

Além da maior expressão de sujeito explícito e baixa produtividade de sujeito zero anafórico e indeterminado, não foram encontrados casos de oração sem sujeito. Isso pode ser explicado pela natureza dos dados orais, uma vez que na oralidade é comum que os referentes sejam explicitados repetidamente, porque o falante não tem largo controle do fluxo de informação, de modo que no texto falado a repetição pode “ser considerada um dos mecanismos organizadores dessa modalidade” (Koch; Elias, 2012, p. 22).

A respeito da codificação morfossintática dos sujeitos expressos na oração, dos 152 *tokens* com referentes explícitos morfossintaticamente, 100% das ocorrências são codificadas como sintagmas nominais (SN). Abaixo pode-se verificar uma ocorrência em que o SN (*tua vestimenta*) desempenha a função de sujeito gramatical do sintagma verbal (*vai entregar muito sobre você*).

**Tabela 2:** codificação morfossintática dos dados

Sintagma	Exemplar	Total
Nominal	<i>só o fato da policia de pegar um negócio desse aqui já vai ver que você tá mal intencionado... tua vestimenta vai entregar muito sobre você... não é verdade... e eu dei essa modificada</i> (Youtube, 2018)	152 (100%)

Fonte: autoria própria.

## 5. 2 DESCRIÇÃO DE ASPECTOS SEMÂNTICOS

No plano semântico em nível oracional, observamos e organizamos os dados sobre o sujeito com base em Van Valin e LaPolla (1997), Givón (2001), Perini (2016) e Chafe (1979). Cabe ressaltar que existem divergências entre as definições propostas para os vários tipos de papéis temáticos, desse modo alguns autores buscam ajustar classificações distintas entre si. Além disso, a categorização de referentes em relação a esses papéis não é estanque e discreta, pois muitos elementos encontram-se na fronteira entre dois tipos de papéis. Isso posto, a observação dessa categoria é mais produtiva quando pensada em um *continuum* de aproximação ou de afastamento de uma determinada unidade linguística a um papel temático, visão adotada por este trabalho, e em harmonia com pressupostos funcionalistas.

Conforme características e especificidades do sujeito das orações investigadas do *corpus*, adotamos as definições temáticas mais comuns entre os teóricos, a saber: *agente*, *paciente* e *experenciador*. Com base nas convergências entre Van Valin e LaPolla (1997), Chafe (1979) e Perini (2016), pensando em caracterizações prototípicas, o papel agente é o desencadeador de uma ação, tendo como traços predominantes, segundo Givón (2001), controle e volição, em outros termos, intenção, bem como a capacidade de ser potente – isto é, possuir automotivação ou força própria, de acordo com Chafe (1979). Como papéis que não desempenham uma ação, mas a sofrem estão o *paciente* e o *experenciador*: o primeiro diz respeito a entidade que sofre os efeitos da ação e passa por uma mudança de estado, podendo ser animado ou não; enquanto o segundo se caracteriza como um ser animado que vivencia estados mentais, perceptuais ou psicológicos. Outro construto teórico de que nos valem é o papel de *executor*, conforme Van Valin e LaPolla (1997), consideradas entidades que desencadeiam uma ação sem necessariamente ter controle ou intencionalidade, diferente do agente que age de modo volitivo e controlado.

Aplicando os papéis temáticos mencionados ao conjunto de *tokens corpus*, apresentamos a seguinte disposição nos dados desta pesquisa:

**Tabela 3:** Tipos de papéis temáticos do sujeito por ano.

Papel temático	Agente	Executor	Experenciador	Coisa qualificada	Paciente	Total
2018	10 (40%)	4 (16%)	4 (16%)	7 (28 %)	0 (0%)	25 (100%)
2019	12 (48%)	4 (16%)	3 (12%)	4 (16%)	2 (8%)	25 (100%)
2020	20 (80%)	1 (4%)	0 (0%)	3 (12%)	1 (4%)	25 (100%)
2021	16 (64%)	1 (4%)	1 (4%)	7 (28%)	0 (0%)	25 (100%)
2022	23 (92%)	1 (4%)	0 (0%)	1 (4%)	0 (0%)	25 (100%)
2023	21 (84%)	3 (12%)	0 (0%)	1 (4%)	0 (0%)	25 (100%)
2024	16 (64%)	0 (0%)	2 (8%)	7 (28%)	0 (0%)	25 (100%)

2025	20 (80%)	0 (0%)	1 (4%)	4 (16%)	0 (0%)	25 (100%)
Total	138 (69%)	14 (7%)	11 (5,5%)	34 (17%)	3 (1,5%)	200 (100%)

Fonte: autoria própria.

Nas amostras examinadas, é possível notar a ocorrência principal dos papéis temáticos do plano da ação: agente, experienciador e paciente. Inicialmente, destaca-se a expressiva quantidade de amostras com sujeito agente, correspondente a 70,5% das instâncias de uso. Esse resultado concorda com as expectativas teóricas previstas, pela natureza de ação-processo, segundo Borba (2002), do verbo *entregar*, que em seu sentido mais referencial prevê um elemento mais tipicamente agente que seja capaz de realizar uma transferência com controle e intenção. Em um primeiro plano o resultado parece se alinhar à noção de hierarquia de preferência dos papéis temáticos, tratada em Cançado (2008, p. 117), pela qual se sugere que a disposição das funções semânticas, em diferentes línguas, segue um arranjo hierárquico, de maneira que ao estruturar um predicado é mais esperado que o agente ocupe a posição de sujeito, caso essa relação não possa ser estabelecida; a segunda preferência é o seu emprego como um beneficiário ou experienciador; seguindo-se um paciente, destacando a respectiva ordem de preferência. Apesar dessa correspondência, as expectativas de preferência da hierarquia apontada não se concretizam completamente no conjunto de exemplares, haja vista a não ocorrência de sujeitos beneficiários, bem como o baixo número dos papéis experienciador e paciente, além disso em muitos casos o sujeito, apesar de possuir agentividade, não realiza uma ação intencional, afastando-se do agente típico e se aproximando de um executor, consoante as definições de Van Valin e LaPolla (1997).

Por outro lado, um ponto relevante na investigação foi o mapeamento de um considerável número de ocorrências em que o sujeito se distanciava dos papéis mais comuns apontados na hierarquia destacada em Cançado (2008) e na literatura especializada. A partir dessa lacuna, expandimos nossa busca na bibliografia técnica por um papel que pudesse abarcar melhor esses dados. Como resultado, encontramos como alternativa mais adequada à realidade dos *tokens* a definição de *coisa qualificada*, conceituada por Perini (2016) como: “o elemento ao qual se atribui uma qualidade” (2016, p. 201), e, nesse sentido, tanto pode ser ligada uma característica predicativa ao sujeito, quanto feito um ajuizamento positivo ou negativo ao seu respeito. No conjunto de amostras, esse papel foi o segundo mais empregado (15,5%), mesmo não sendo previsto na sequência hierárquica das classes de papéis temáticos, ou esperado conforme a natureza do *slot* do participante na posição de sujeito das construções transitiva (CT), ditransitiva (CD) e de movimento causado (CMC), assim como também não é previsto pela semântica do verbo *entregar*, que implica um elemento com capacidade agentiva e controle para poder transferir algo rumo a um recipiente/beneficiário ou alvo, ou mesmo afetamento de um paciente.

Abaixo segue um quadro de exemplares para cada papel temático identificado nas amostras de pesquisa:

**Tabela 4:** Ocorrências que ilustram papéis temáticos

Papel temático	Exemplar
<b>Agente</b>	<i>esses dias provavelmente eu entrego cinquenta sessenta... mas eu nunca <b>entreguei menos assim de sessenta 0 mesmo não...</b> menos de sessenta bolo eu nunca entreguei (Youtube, 2018)</i>
<b>Executor</b>	<i>como é que eu entro aqui agora sem fazer barulho mano... <b>essa porta aqui entrega demais...</b> beleza entrando por aqui pelo lado eu não faço barulho nenhum e o Cadu está bem ali... (Youtube, 2023)</i>
<b>Experienciador</b>	<i><b>você já entregou tanto as suas emoções pra uma pessoa</b> que quando você tá perto dela... ou tá vivendo alguma coisa com ela... você deixa ela controlar a sua vida... suas atitudes... e essa é o problema dos relacionamentos... (Youtube, 2019)</i>
<b>Paciente</b>	<i>Hoje eu achei que o Grêmio não jogou bem e não ganhou a partida... então eu tô assim ó (suspiros) bufando... e não só não ganhou a partida... como deixou escapar a vitória... eu achei que <b>o Grêmio entregou demais a bola para o adversário hoje...</b> não gosto quando o Grêmio faz isso (Youtube, 2020)</i>
<b>Coisa qualificada</b>	<i>Cara, nota três [falante 1] Cê/Tá ruim? [falante 2] Sabe por que ô? O miojo... o miojo padrão... <b>ele já entrega pouco...</b> é uma refeição rápida.... e esse <b>entrega menos ainda</b> [falante 1] (Youtube, 2022)</i>

Fonte: autoria própria.

No primeiro exemplar, o elemento que atua como sujeito (*eu*) possui os traços mais característicos de um agente, sendo um ser animado capaz de controlar e agir com volição na execução da transferência concreta do objeto direto (*bolo*), desse modo, tanto o verbo *entregar* é empregado em seu significado mais referencial e típico, quanto o sujeito atua como agente responsável pela efetuação de um evento (a entrega do bolo). Já no segundo caso, o significado evocado pelo verbo está relacionado ao sentido de acusar e delatar, descrito por Borba (2002, p. 580), de modo que, no contexto de um jogo de videogame, o próprio falante (*eu*) teria sua localização denunciada para outros jogadores através dos ruídos de uma porta. Sendo assim, o papel temático em foco na amostra aproxima-se de um executor, uma vez que o sujeito desencadeador do barulho (*essa porta*), apesar de ser o gerador de uma ação, não atua de modo volitivo e controlado na expressão dos ruídos e suas respectivas consequências sobre terceiros.

Nas ocorrências seguintes, os papéis se distanciam do traço de agentividade. O terceiro dado ilustra um caso de sujeito experienciador – que ocorre em 10% das amostras examinadas –, uma vez que *você* aponta para um ente animado que sofre um estado de entrega emocional e sentimental, em outros termos, a experiência de dedicar-se e direcionar-se a um relacionamento é transcrita ao nível linguístico como uma autotransferência, de modo que a entidade evocada pelo sujeito do dado experimenta um estado mental, psicológico e sentimental próprio de um experienciador.

Já no caso posterior, o time de futebol *Grêmio* ocupa a moldura sintática de um agente, porém a relação estabelecida pela cena de entrega não intencional da bola para um adversário demarca, na verdade, a perda de domínio e controle da partida, afinal de contas o time enseja ganhar e não perder a competição de futebol. Desse modo, o sujeito *Grêmio* parece sofrer a ação e o afetamento da perda de controle do objeto, que metonimicamente

aponta para o próprio jogo, sendo, nesse caso, um paciente (1,5% das ocorrências se conformam a esse perfil).

Por fim, destacamos os dados classificados como coisa qualificada, que representam 17% das ocorrências e são especialmente relevantes para este artigo. Na última amostra, ambas orações destacadas estão em uma estrutura sintática intransitiva, sem referentes exatos e interpretáveis como complementos verbais e/ou alvo de transferência. A partir de implicaturas contextuais, é possível compreender que o que se demarca é a relação de sabor do macarrão instantâneo (*miojo*); todavia, não há a intensificação, quantificação ou mensuração explícita de qualquer propriedade da comida, mas a expressão de um juízo de valor do falante a respeito do alimento, de modo a se compreender que o macarrão É ou TEM determinada qualidade, isto é, o macarrão *miojo* é a coisa sobre a qual recai a qualificação. A acepção de transferência é mais opaca, recrutada para conceptualizar a ideia de que o elemento referenciado, osujeito *miojo*, não proporciona uma boa performance<sup>3</sup> alimentar ao paladar. Portanto, apesar de ocupar a moldura sintática de uma agente, *o miojo*, não apresenta as características de agentividade, volição e controle, ou potência, traços definidores dessa categoria (Givón, 2001; Chafe, 1979).

Por outro lado, relações metafóricas e dimensões cognitivas da categoria grau, segundo Silva (2014), formam a base para a conceptualização do sujeito com uma função semântica de coisa qualificada, bem como do desbotamento de sentido mais concreto do verbo *entregar*. A partir da metáfora conceitual MAIS É MELHOR, MENOS É PIOR (Lakoff; Johnson, 2004, p. 59) é estabelecida uma analogia em que os intensificadores *pouco* e *menos*, presentes na oração e relacionados ao alimento demarcam a falta de qualidade e sabor da comida, dessa forma cria-se uma relação metafórica situada na cena de uso do dado, na qual BOA QUALIDADE É MAIOR QUANTIDADE e MÁ QUALIDADE É MENOR QUANTIDADE. A partir dessa relação, recai sobre o sujeito das orações uma avaliação acerca do sabor e da qualidade, construída a partir da manifestação do grau avaliativo (Silva, 2014, p. 42-43) em que os intensificadores mencionados não demarcam um julgamento depreciativo sobre o alimento. Nessa direção, o verbo *entregar* é mobilizado para atribuir um sentido avaliativo que se afasta da natureza prototípica da unidade verbal ao demarcar uma ação-processo.

Essa amostra exhibe um caso interessante em relação à especialização de um sentido avaliativo, nesse tipo de configuração, ao verbo *entregar*, pois esse sentido segue uma trajetória de variação já identificada por Heine (2002), podendo deixar entrever que a acepção não estaria restrita apenas ao cenário do dado. Partindo da investigação dos fatores que atuam na gramaticalização das línguas, o linguista evidencia que atribuir

---

<sup>3</sup> De acordo com a *Theory of Performance* de Richard Schechner: “Na vida cotidiana, performar é ser exibido ao extremo, sublinhando uma ação para aqueles que a assistem” (*apud* Sibilía, 2025, p. 354). Assim, o conceito de performance aponta para qualquer ato que seja realizado com o fim de exibição ou experimentação por um grupo: “vestir-se para uma festa, ser entrevistado para um emprego, brincar com papéis masculinos e femininos e com a própria orientação sexual, viver papéis da vida pessoal” (*apud* Sibilía, 2025, p. 355).

características, processos e ações a itens inanimados é um mecanismo gerador de mudanças de significado:

Talvez um dos tipos mais comuns de mudança de significado envolva a abertura de um papel de participante tipicamente reservado aos humanos para participantes inanimados. Agentes, experienciadores e benfeitores são papéis de participantes deste tipo: Normalmente, representam participantes humanos. Mas quando são colocados em contextos de troca, onde uma interpretação em termos de um participante humano é excluída, isso pode desencadear um novo significado gramatical, enquanto o antigo significado é suprimido ou eliminado nesse contexto (Heine, 2002, p. 87, tradução própria).

Ancorado nessa perspectiva sobre o processo de mudança, o autor indica uma trajetória, ou *cline*, comum a esses processos de variação e mudança semântica pode ser representado do seguinte modo: “Pessoa> Objeto> Espaço> Tempo> Qualidade” (Heine, 2002, p. 96). Nesse *cline*, Heine (2002) destaca que, a partir de uma relação metafórica em termos de transferências entre domínios conceptuais, os domínios situados à esquerda servem de veículo metafórico para os situados à direita. Aplicando uma comparação dessa trajetória aos dados analisados, evidencia-se que há, nas orações com o verbo *entregar*, uma variação de sentido que expande a acepção típica do verbo, ligada à transferência espacial realizada por um agente mais animado e humano, a um sentido associado à atribuição ou à negação de uma qualidade a itens animados ou inanimados. Com efeito, esses casos de variação e expansão dos tipos de papéis temáticos nas orações com o verbo, parecem sinalizar um possível processo de emergência semântica de uma noção avaliativa vinculada ao predicador em questão, associada, por sua vez também ao sancionamento desses casos por uma construção de estrutura argumental intransitiva (CI).

Tal premissa pode ser corroborada ao se analisar a distribuição dos papéis temáticos das amostras oracionais por tipo de construção de estrutura argumental que licencia os construtos. Segue tabela com a quantificação dos dados em relação ao todo:

**Tabela 5:** Distribuição dos papéis temáticos por tipo de CEA

Construção de EA	Agente	Executor	Experienciador	Coisa qualificada	Paciente	Total
Ditransitiva	17 (8,5%)	4 (2%)	4 (2%)	3 (1,5%)	2 (1%)	30 (15%)
Transitiva	29 (14,55)	3 (1,5%)	2 (1%)	5 (2,5%)	0 (0%)	39 (19,5%)
Movimento Causado	7 (3,55)	0 (0%)	3 (1,5%)	1 (0,5%)	0 (0%)	11 (5,5%)
Intransitiva	85 (42,5%)	7 (3,5%)	2 (1%)	25 (12,5%)	1 (0,5%)	120 (60%)

Construção de EA	Agente	Executor	Experienciador	Coisa qualificada	Paciente	Total
<b>Total</b>	138 (69%)	14 (7%)	11 (5,5%)	34 (17%)	3 (1,5%)	200 (100%)

Fonte: autoria própria.

Na tabela acima chama atenção a quantidade de orações sancionadas pelo padrão construcional intransitivo, correspondente a mais da metade das amostras do banco de dados da pesquisa (60% dos *tokens*), dessa parcela de orações nota-se ainda que uma parte considerável de ocorrências do papel de coisa qualificada (25 *tokens*, correspondente 20,83% do total de 120 ocorrências) é mapeada em padrão intransitivo. Dessa maneira, parece haver uma correlação entre o papel de sujeito como coisa qualificada e sua manifestação em ocorrências intransitivas com o verbo *entregar*.

Além disso, enquanto orações instanciadas pelas construções de estrutura argumental transitiva, ditransitiva e de movimento causado parecem apresentar restrições quanto aos tipos de papéis manifestados — não havendo ocorrências de sujeito paciente em amostras transitivas e de movimento causado, nem executor em padrão transitivo — orações com o verbo *entregar* licenciadas pela CI manifestaram maior variabilidade dos tipos de papéis temáticos para o sujeito, o que corrobora a hipótese de que o predicador em questão é recrutado e licenciado por uma construção intransitiva, uma vez que, o único *slot* argumental dessa construção de estrutura argumental permite a expressão de diferentes tipos de participantes temáticos, de acordo com Croft (2022).

### 5.3 CONTINUUM E SOBREPOSIÇÃO ENTRE PAPÉIS TEMÁTICOS

Analisando as características e traços dos sujeitos temáticos no universo do banco de amostras da pesquisa, é possível perceber ainda que, no nível oracional, a expansão e alteração dos papéis semânticos para o sujeito se dá em termos de *continuum*. Sendo assim, há um gradativo afastamento do tipo mais esperado e central, pela configuração oracional e pela semântica do verbo, partindo de casos de agentes mais prototípicos, que gradualmente se afastam das características centrais que definem esse papel temático – agentividade, volição e controle, consoante Chafe (1979) e Givón (2001) –, para casos mais sutis e distantes dessas características. Os dados abaixo ilustram esse *continuum*:

(2) *E a Glória ao vivo gente... se você já teve uma oportunidade de assistir um show da Glória...ela preenche o palco... **ela entregou demais...** o balé dela é impecável inclusive ela fez um show com a Pablo aí nesse nessa sexta-feira que passou.. beijou na boca da Pablo...a Pablo fez falta também no prêmio Multishow (Youtube, 2022)*

(3) *A Mari Gonzalez tá uma coisa meio Dua Lipa (apresentador 1) A Mari Gonzalez bem assim entreguenta né? Lá no Halloween da Sephora ela tava de Cuca e **entregou demais inclusive...** e aqui ela tá de Dua Lipa meninas.(apresentador 2) (Youtube, 2022)*

(4) e qual que é a nota que você dá pra linha da Bruna Tavares? (apresentador 1) Bruna Tavares eu dou nove... Bruna Tavares (entrevistado) (...) Então é porque eu acho particularmente...mas é estilo meu... **a embalagem não entrega tanto pra mim...** eu acho uma coisa mais lúdica mais princesa mais din rococó...e eu sou uma mulher moderna minimalista San Laurent... entendem? (entrevistado) (Youtube, 2024)

No primeiro *token* o sujeito sintático *ela* refere-se a cantora *Glória*, a qual seria responsável pela criação de um *show* de qualidade. Nesse quesito, *entregar demais* faz referência a uma boa performance artística realizada pela artista. A noção de transferência física da entrega é opaca uma vez que não há movimento de posse de algo físico, mas o *frame* de transferência é recrutado para expressar metaforicamente o próprio ato do show, em que o público é tido como uma espécie de beneficiário implícito do espetáculo. Dessa forma, mesmo com a opacidade da cena de transferência, o sujeito se comporta como um agente mais prototípico apresentando: (i) os traços de mais agentividade, uma vez que a cantora realiza a ação de executar um show; (ii) mais volição, pois a apresentação é realizada com o propósito de causar um impacto e recepção positiva ao público; e (iii) mais controle, uma vez que o sujeito animado e humano que realiza o espetáculo, o dirige diretamente, configurando, consoante Chafe (1979), força de automotivação e potência.

No segundo caso, o cenário da fala aponta para uma situação em que se elogia e avalia a fantasia de uma celebridade para uma festa, de maneira que a relação de transferência também se torna menos transparente. Nesse caso, o sujeito elíptico aponta para o referente *ela*, que diz respeito à já mencionada Mari Gonzalez. Situando o dado no âmbito do uso, destaca-se que o papel do sujeito se afasta do traço de agentividade, uma vez que o elemento em foco (a celebridade) não provoca uma ação propriamente dita, apresenta-se, porém, vestida de uma maneira considerada impactante. Apesar disso, as características de volição e controle estão presentes no ato de se vestir com a intenção de impressionar e agradar um público de espectadores em uma festa.

Já na terceira amostra as características de um agente prototípico configuram-se como ainda mais desbotadas, uma vez que ao objeto inanimado *embalagem* é atribuída uma espécie de animacidade abstrata. A partir disso, o referente na posição de sujeito é conceptualizado como uma entidade que não foi capaz de cumprir as expectativas estéticas esperadas por um consumidor, este último demarcado referencialmente como beneficiário *pra mim*. Assim, o sujeito *a embalagem* apresenta a ausência dos traços: (i) agentividade, pois concretamente não realiza qualquer ação ou processo; e (ii) volição e controle, dado o caráter inanimado da entidade, o que não confere possibilidade de automotivação e propósito. De tal modo, o cenário de uso do verbo *entregar* no contexto do dado marca a atribuição de uma avaliação de qualidade negativa ao referido sujeito, de maneira que esse se aproxima muito mais do papel temático de *coisa qualificada*, destacado por Perini (2016). Além disso, o evento conceptualizado na oração evoca a avaliação de desempenho do produto a partir da manifestação do grau avaliativo destacado por *muito*, que não intensifica uma ação ou característica, mas desempenha a demarcação de um juízo positivo em que mais se associa a noção de bom, a partir da metáfora indicada em Lakoff e Johnson (2004, p. 59) (cf. seção 5).

Nessa direção, destaca-se que nesses usos intransitivos vincula-se um sentido de marcação de juízo de valor em que o elemento sujeito figura como desempenhador de uma espécie de performance que se estende do efetivo desempenho de um evento à detenção de características superficiais. A vinculação desse sentido permite recrutar tanto agentes mais prototípicos licenciados pelo sentido mais referencial do verbo e fusionado com a construção da estrutura argumental, como na amostra (2), a elementos completamente inanimados, a exemplo da amostra (4), atribuindo-lhes uma agentividade metafórica. Conseqüentemente, essa atribuição de agentividade dialoga com a lógica de que objetos, serviços e marcas são avaliados como expedientes performáticos diante de um público consumidor. Nesse cenário, o verbo *entregar*, influenciado pela macrofunção avaliativa do grau, aponta para uma qualificação dos elementos, aproximando a ideia da prestação de serviço, na qual indivíduos animados ou não são conceptualizados como produtos que “atuam” bem ou mal na cena de consumo.

De tal maneira, o *continuum* observado em termos de esmaecimento dos traços prototípicos de um sujeito agente parece ocorrer a partir de uma espécie de sobreposição entre os papéis temáticos das orações e o papel participante mais esquemático da CI. Em outros termos, a frequência de usos do verbo *entregar* em uma configuração intransitiva e com um sentido de caráter avaliativo constroem, no nível mais abstrato, uma relação esquemática em que o sujeito é conceptualizado como um participante *coisa qualificada*. Já no nível oracional, esse participante qualificado pode assumir naturezas distintas: no caso de (2), o que é qualificado é a ação de um sujeito com características mais agentivas, em (3) é a capacidade de um indivíduo de fazer uma fantasia considerada relevante e interessante, em (4) um produto ou uma propriedade deste objeto por sua capacidade de agradar e utilidade de uso.

Sendo assim, nos termos de Perek (2015), há uma relação tanto *top-down*, em que o licenciamento do verbo *entregar* pela construção de estrutura argumental intransitiva possibilita que as instâncias herdem traços mais esquemáticos da construção (como a amplitude dos papéis semânticos abarcados pela CI), mas também uma relação *bottom-up* em que a repetição dos usos inovadores em experiências cotidianas a partir do aumento dos *tokens* contribuem para forjar um *type* construcional. Assim, esse *continuum* de +agentividade dos tipos de papéis oracionais associados ao sujeito, pode ser explicado a partir da sobreposição de um participante herdado da construção intransitiva, no qual o verbo recrutado pela construção de estrutura argumental vincula um sentido avaliativo do desempenho e performance de uma entidade.

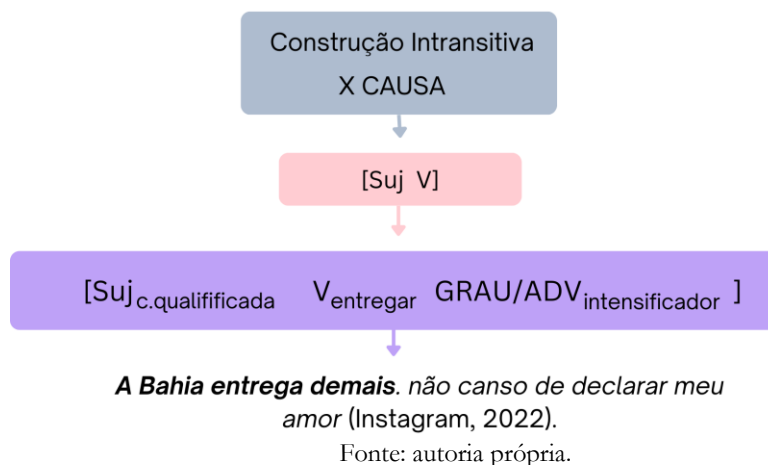
#### 5.4 EMERGÊNCIA DE UMA CONFIGURAÇÃO CONSTRUCIONAL

A partir dos exemplos discutidos acima, pode-se atestar uma expansão dos papéis temáticos associados ao uso do verbo *entregar*, que se conecta a um sentido de avaliação da performance de uma entidade, na posição de sujeito, que semanticamente pode ser mais ou menos agentivo, estendendo-se de seres animados a objetos inanimados, conforme destacado em Heine (2002). Conforme nossas hipóteses, essa acepção graduadora de avaliação performática para o verbo *entregar* parece indiciar o seu

licenciamento por uma construção intransitiva de (CI), tal como descrita por Croft (2022). Com base nessas análises, é possível pensar nos casos intransitivos para além de um cenário *ad hoc*, ponderando ainda a potencial emergência de uma configuração construcional [Suj<sub>c. qualificada</sub> V<sub>entregar</sub> GRAU/ADV<sub>intensificador</sub>], na qual visualiza-se uma estrutura sintática e um significado específico e menos composicional (ou seja, cuja significação total não decorre diretamente da soma de suas partes individuais) para o verbo em questão, distinto dos já estabelecidos e descritos na língua.

Sendo assim, em termos de organização hierárquica construcional, como mais esquemática a CI, ao recrutar o verbo *entregar*, acaba por sancionar a configuração [Suj<sub>c. qualificada</sub> V<sub>entregar</sub> GRAU/ADV<sub>intensificador</sub>], que figura como uma microconstrução e licença, por sua vez, instâncias de uso avaliativo como: (5) “**A Bahia entrega demais. não canso de declarar meu amor**” (Instagram, 2022)<sup>4</sup>, cujo sentido demarca um julgamento positivo e afetuoso sobre um estado brasileiro e a aceção do verbo não aponta para uma transferência concreta e referencial, mas à noção de que o lugar proporciona experiências excelentes, surpreendentes, acima do esperado, isto é, uma região que “performa bem”, ainda que se trate de um sujeito inanimado e não agentivo. Desse modo, nosso pressuposto é de que a configuração destacada acima parece desenhar um novo nó na rede construcional, com a emergência de uma microconstrução que se caracteriza como parcialmente preenchida composta pelo elemento fixo verbo *entregar*, apresentando ainda um *slot* de sujeito participante com papel de coisa qualificada e um *slot* com termo graduador que comporta algum advérbio intensificador. Abaixo uma representação esquemática dessa relação entre construções.

**Figura 4:** Exemplo de hierarquia construcional da microconstrução de grau avaliativo performático



<sup>4</sup> Apesar de os dados para a construção deste artigo serem da modalidade oral, retirados de vídeos do Youtube, a amostra destacada faz parte dos exemplares de modalidade escrita que não foram usados para esta análise, mas pertencem ao banco de dados da pesquisa de mestrado, a amostra em questão foi excepcionalmente usada para termos ilustrativos em virtude da dimensão do *token*.

Essa perspectiva justifica, assim, o *continuum* dos tipos de papéis argumentais verificados nos *tokens*, e corrobora a tese de sobreposição entre papel construcional e argumental. Em termos explicativos, o verbo apresenta um conjunto de papéis semanticamente motivados, enquanto a construção determina a configuração sintático-semântica que interpreta e licencia esses participantes, condicionando o verbo *entregar* a uma nova interpretação. Portanto, os papéis verbais e argumentais interagem, porém operam em níveis distintos da gramática: o primeiro vinculado ao sentido léxico-conceitual do evento, e o segundo às convenções gramaticais gerais que estruturam a rede construcional da língua.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou a classe dos papéis temáticos em orações com o verbo *entregar* acompanhado de um intensificador, tal qual em *A embalagem não entrega tanto pra mim*, que ilustra a abertura deste texto. A análise relacionou o impacto da expansão e da abstratificação dos papéis temáticos, com o mapeamento de dados em que o sujeito pode se caracterizar semanticamente como coisa qualificada, assinalando um caso de variação sintático-semântica desse elemento em orações com o verbo *entregar*. Os dados ilustram um processo já sinalizado por Heine (2002), no qual, na mudança semântica é comum que os participantes oracionais alterem a sua natureza, fazendo emergir noções distintas para elementos e estruturas.

Em relação à hipótese do estudo, pudemos observar que ocorre um desbotamento gradual das características de agentividade e volição do sujeito típico recrutado pelo verbo e pelas construções de estrutura argumental ditransitiva, transitiva e de movimento causado, as quais licenciam o verbo *entregar*, em direção a uma abertura dos tipos de sujeito que podem ser recrutados, como previsto pela construção intransitiva. Nota-se também que, ao lado da ampliação dos tipos temáticos de sujeito, ocorre ainda a vinculação de um sentido avaliativo nos *tokens* com o predicador, que, ao lado de um intensificador, demarca uma avaliação da qualidade e cumprimento de expectativas a respeito da performance e desempenho de mais ou menos ação ou atributos de um indivíduo/objeto, tal qual em *esses perfumes entregam muito* e *o miojo padrão entrega pouco*.

Esse conjunto de fatores – desbotamento do significado mais referencial do verbo, expansão dos papéis temáticos atribuídos ao sujeito e a versatilidade de sancionamento por um padrão construcional transitivo, ditransitivo até o intransitivo – pode estar relacionado à instanciação dos construtos com o verbo *entregar* pela CI, consolidando esse uso (Croft, 2022). Dessa maneira, nossos resultados parecem entrever um caso de variação que aponta para a emergência de um novo pareamento construcional que formalmente se conforma à construção intransitiva e funcionalmente atende a uma expectativa de avaliação. Esse par pode ser descrito como uma microconstrução [Suj<sub>c. qualificada</sub> V<sub>entregar</sub> GRAU/ADV<sub>intensificador</sub>], que emerge com singularidades dos *slots* do

sujeito, do verbo e do intensificador, sendo uma dessas o papel temático do sujeito enquanto participante-coisa qualificada, tal qual este trabalho demonstra.

## REFERÊNCIAS

BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

CHAFE, W. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press. 2001.

COSTA, M. A. Procedimentos de manifestação do sujeito. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal: EDUFRN, 2000.

CROFT, W. The intransitive construction, monovalent events, and alignment strategies. In: CROFT, W. *Morphosyntax: Constructions of the World's Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. p. 167–182.

CUNHA, A. G; MELLO SOBRINHO, C. *Dicionário etimológico*. Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (org.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968. p. 1-90.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 15 Número Especial: 53-78. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/hatsu/Downloads/penhacasado,+VOL15+53-78%20(1).pdf>.

FURTADO DA CUNHA, M. A. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. *DELTA*, São Paulo, v. 33, n.1, 2017, p.109-132. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/32317/22357>.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDBERG, A. E. *Constructions. A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GUIMARÃES, M. R. *Dos intensificadores como qualificadores: os âmbitos de expressão da quantificação no português do Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. 186 f.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (org.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 83–101.

HILPERT, M. Introducing construction Grammar. In: HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh (UK): EUP, 2014, p. 1-24.

KOCH, I. V; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. esp., p. 83-10, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/rl/article/view/4411>. Acesso em: 23, set, 2023.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Métáforas de la vida cotidiana*. Madrid: Catedra, 2004.

LIMA, C. H. da R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1972.

LUCENA, N. L; BARBALHO, R. P. A versatilidade argumental do verbo entregar em língua portuguesa: uma análise pancrônica. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 19, p. e019017, 2025. DOI: 10.14393/10.14393/DLv19a2025-17. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/76940>.

PAIVA, V. L. M. O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola: 2019.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

PEREK, F. The usage basis of constructional meaning. In: PEREK, Florent. *Argument structure in usage-based construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015, p. 79-103.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2016.

ROSÁRIO, I. C. (Org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2022.

ROSÁRIO; I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Revista Soletras*, v. 37, p.83-102, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4411>. Acesso em: 23, set, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. C. (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho: EDUFRO, 2023a. p. 77-102.

ROSÁRIO. I.C.; LOPES, M. G. O papel da automatização e da intersubjetivação na análise da mudança linguística: novas reflexões para a abordagem da construcionalidade. In: OLIVEIRA, M. R; LOPES, M. (Org.). *Funcionalismo linguístico interfaces*. Campinas: Pontes Editora, 2023b. p. 81-114.

SIBILIA, P. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. *Fronteiras – Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p. 353–364, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09>.

SILVA, Augusto Soares da. Da semântica da construção à semântica do verbo. In: CASTRO, I; DUARTE, I. *Razão e Emoções: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003, p. 383-401.

SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2008.

SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.

VAN VALIN, R. D.; LAPOLLA, R. J. *Syntax: structure, meaning, and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*.  
Oxford: Oxford University Press, 2013.

**Recebido em: 31/10/2025**

**Aprovado em: 18/12/2025**

**Publicado em: 08/01/2026**